

COMMERCIO DO MINHO

4.º ANNO 1876

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 568

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE

AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

Preços: Braga, anno 1.860 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2.500 rs e sendo duas 3.500 rs.—Semestre 1.500 rs.—Brazil, anno 3.500 rs.—Semestre 1.900 rs. moeda forte, ou 8.500 reis e 4.500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—QUINTA-FEIRA 16 DE NOVEBERO

Referiram alguns jornaes do continente que o ex.^{mo} e rev.^{mo} snr. D. João Maria Pereira d'Amaral e Pimentel, virtuoso e illustradissimo Prelado d'Angra do Heroismo, ia resignar o altissimo cargo que com suprema dignidade e sabedoria tem exercido.

Este boato, originariamente propalado por um periodico sustentado pela impiedade, e escripto nas calvas maçonicas, causou grande surpresa e profunda mágoa a todos os catholicos que d'elle tiveram noticia.

Vamos resenhar com a possivel brevidade os factos que lhe davam tal ou qual fundamento.

Por modo inconvenientissimo fez-se chegar ás sagradas mãos d'aquelle venerando prelado um folheto onde se ataca a santidade do dogma e da doutrina catholica, do modo mais asqueroso.

Como verdadeiro pastor, vendo que se lançava no seu rebanho a semente do erro, o inclito bispo confeccionou uma Pastoral combatendo, reprovando e anathematizando todas as blasfemias publicadas. Por delicadeza e deferencia para com o revd.^o cabido dignou-se dar-lhe previo conhecimento d'essa pastoral. Em consequencia da resposta dada pelo revd.^o cabido, s. ex.^a rev.^{ma} julgou conveniente ir em pessoa ouvir-o, o que fez em sessão de 8 do passado outubro. Nessa sessão um dos capitulares, que é notorio achar-se filiado nas sociedades secretas, teve o inqualificavel arrojo, a cegueira incrível de afirmar de viva voz ao illustre prelado que tanto o clero como o povo pastoreado por s. ex.^a revd.^{ma} estavam completamente desgostosos com s. ex.^a revd.^{ma} e com o seu governo.

Este incidente não podia deixar de magoar profundamente o coração do zelosissimo Prelado, honra e lustre do epis-

copado portuguez pelas suas luzes e virtudes.

A este facto accrescia a guerra movida contra s. ex.^a revd.^{ma}, e contra o respeitavel vigario geral d'aquelle bispado, o revd.^o snr. dr. Ignacio Emilio d'Azevedo Magalhães, pelos arautos do maçonismo, que tambem por lá tem o seu orgão na imprensa, que polluem e rebaixam ascosamente.

Deu bom auxilio á facção dos calumniadores o facto de suspensão por s. ex.^a rev.^{ma} infligida ao padre Amaro Coelho do Nascimento, que havia desobedeido ao revd.^o vigario geral, a quem além d'isso insultára.

Eis o que deu origem aos boatos referidos.

Vejam os factos posteriores.

Felizmente a ovelha tresmalhada voltou ao aprisco. O revd.^o padre Amaro confessou publicamente, pela imprensa, a sua culpa, reprovando o seu estranho procedimento, filho da irreflexão, bem como tudo quanto a imprensa impia d'aquella ilha tem escripto em abono da sua causa e contra as duas illustres victimas da maçonaria.

Logo que constou a asserção do revd.^o capitular a que acima alludimos, os parochos das quatro freguezias da cidade d'Angra, constituindo-se em comissão, convidaram os seus collegas d'aquella ovidaria afim de irem dar, de viva voz, ao ex.^{mo} Prelado um fiel testemunho do mais alto respeito e sincera e affectuosa dedicação. Estas demonstrações tiveram lugar no dia 19, indo todos os parochos, em numero de 27. Os mesmos parochos fizeram e assignaram um protesto que depositaram nas sagradas mãos do seu afflicto Pastor.

Este protesto é concebido nos seguintes termos:

Seado publico n'esta cidade d'Angra que, em sessão do Rvd.^{mo} cabido, no

dia 8 do corrente, e na veneranda presença do Ex.^o e Rvd.^o Snr. D. João Maria Pereira d'Amaral e Pimentel, Dignissimo Bispo d'esta Diocese, alguém dos Mt.^o Rvd.^{os} capitulares, sem autoridade para tanto, declarára que os Parochos, clero e povo d'esta Ilha e de toda a diocese, estavam completamente desgostosos com Sua Ex.^a Rvd.^{ma} e seu governo, e haviam declinado a estima, respeito e obediencia que lhe tributavam, veem os mesmos Parochos por si, e em nome de seus freguezes e conjuntamente o clero, protestar publica e solemnemente contra uma tam injusta asserção; e dar novo testemunho a sua Ex.^a Rvd.^{ma} do seu filial affecto e cordial estima e consideração;—e dos votos sinceros que fazem a Deus para que se prolonge a existencia de Sua Ex.^a Rvd.^{ma} por muitos annos, a fim de poderem gozar dos beneficos efeitos da sua tão justa, quanto paternal, benefica e caritativa administração espirital, e apurada e religiosa instrução.

Angra do Heroismo, 11 d'outubro de 1876.

O clero terceirense protestou tambem contra as diatribes e calumnias publicadas pela imprensa contra o venerando Principe da Igreja angrense. O seu protesto é digno de ser archivado, porisso passamos a transcrever-lhe do «Catholico», excellente folha religiosa da cidade d'Angra:

Ex.^{mo} e Rvd.^{mo} Snr.

Os abaixo assignados, subditos e respeitadores do seu Ex.^{mo} e Rvd.^{mo} Prelado, o Snr. Dom João Maria Pereira de Amaral e Pimentel, não podendo, sem quebra de seus sentimentos de crença, d'amor da patria, e da obediencia e respeito que em todos os paizes civilizados se presta á autoridade legitimamente constituída, e sobre tudo nos paizes catholicos aos vene-

randos Principes da Igreja, vêr com criminosa indifferença, de atacar a sagrada pessoa do seu dignissimo Prelado, vem por este modo fazer o mais solemne protesto contra todas as calumnias, insultos grosseiros, impiedades inauditas e manifesta injustiça com que, por imprensa que não prima pelo amor á ordem e aos principios de uma verdadeira civilização, se tem gratuitamente offendido o Ex.^o e Rvd.^o Prelado d'esta diocese.

Os abaixo assignados apressam-se a vir fazer este solemne protesto, impellidos muito mais pela dolorosa noticia dos lamentaveis actos, praticados de um modo desagradavel, na propria veneranda presença do bondoso Prelado em logar e por pessoas de quem, por todos os motivos deviam partir a delicadeza a moderação, o respeito, e a submissão; para que se não dissesse que indirectamente se favorecia a causa da injustiça, da anarchia e da impiedade!...

Os abaixo assignados estão convictos de que n'esta sua manifestação, traduzem o sentimento geral dos povos d'esta diocese; uma grande parte das quaes já tem tido occasião de conhecer de perto a bondade evangelica do seu Prelado. Por isso, mais para desagravo do bom nome d'esta terra, do que para defesa do illustre e benemerito Bispo, que de certo tem na consciencia do bom e fiel desempenho de seus altos deveres o seu melhor escudo, os abaixo assignados protestam, abominam, reprovam e repellem com justa indignação todos os grosseiros insultos, atrozes calumnias e vis despeitos com que se tem vituperado um tam digno e virtuoso Prelado; e esperando que Sua Ex.^a Rvd.^{ma} se dignará perdoar generosa e caritativamente todas as gratutas e inopnadas affrontas que se lhe tem feito, continue a viver no meio do seu rebanho, e a exercer com a mesma independencia e caridade as eminentes funções do seu elevado ministerio; pois tem e hade ter

15

FOLHETIM

DR. J. M. DE MACEDO.

OS DOIS AMORES

ROMANCE BRAZILEIRO

VOLUME I

VII

Uma hora da vida passada.

[Continuação]

Formára-se defronte, mas um pouco longe d'ella, um circulo de mancebos que faziam por mil maneiras o seu elogio: depois de haverem discutido e concedido a corôa de rainha d'aquella festa á bella senhora:

—E' um homem verdadeiramente feliz, disse um d'elles, o marido de uma tal mulher.

—Feliz por todas as razões, acrescentou um segundo.

—Como por todas as razões?... perguntou terceiro mancebo.

—Oh! pois será preciso explicar-me?...

—Bem entendido, se for sua vontade.

—Pois bem: feliz porque possui uma mulher formosa.

—Convenho.

—Dotada de bastante espirito.

—Tenho ouvido dizer.

—Que é fiel aos laços que a ligam.

—Devo crê-lo.

—Que ama a seu marido exclusivamente.

—Quem sabe?...

—Agora, meu caro, sou eu que tenho o direito de pedir explicações.

—Estou prompto para dá-las.

—Vamos pois.

—Digo que estou fatigado de ouvir falar na pureza e lealdade d'aquella senhora: oh!..., chamar-me-hão dissoluto... dirão que tenho a moral pervertida... pôde ser; mas confesso que no ostracismo de Aristides votaria como o camponez que o desterrava por se achar cansado de ouvir-o chamar—o justo.

—Com effeito!...

—E ainda mais: eu respeito muito as leis da natureza: creio firmemente que todos podemos ser escravos do erro, e que por tanto se a interessante senhora, que segundo creio, faz parte do genero humano, ainda não errou, pôde errar.

—Mas ao menos ainda não errou.

—Dá-me ás vezes vontade de tentar... eu daria metade da minha riqueza para ser uma verdadeira tentação!

Alguns sorrisos applaudiram o leviano mancebo; um só dos que estavam no circulo, moveu-se com sentimento de reprovação, e disse:

—Senhor, sou amigo do marido da senhora de quem se trata, e me penalisa que com tanta ligeireza se falle d'ella em minha presença.

—Mas, meu Deus, ninguem a offendeu aqui; eu fallei sómente no respeito que se deve ás leis da natureza.

—Uma vida pura, senhor; um comportamento illibado, merece uma consideração: é uma mulher encantadora, convenho; ninguem comtudo ousa lançar-lhe

em rosto a mais passageira leviandade, nem a menor tendencia para o galanteio: se tem algum crime, é o de ser bella.

—Devia ter mais uma virtude.

—E qual?...

—A de se deixar amar.

—Senhor, vejo que cumpre retirar-me: defronte um do outro por mais tempo poderíamos perturbar o prazer e harmonia d'esta assembleia; porque eu respeito a amizade, e o snr. insulta uma mulher, por saber que as mulheres não se vingam.

Dizendo assim o mancebo travou do braço de um amigo e retirou-se para o fundo de outra sala.

—Henrique! disse-lhe o amigo, tu estás pallido como a morte.

—E' porque tenho uma morte no pensamento, Carlos.

—Como?... que queres dizer?

—Quero dizer que amanhã hei de bater-me com aquelle insolente, a menos que elle sobre ser insolente, não seja tambem covarde.

—Estás louco, Henrique.

—E' possivel... e desde muito.

Os dois moços ficaram em silencio alguns instantes: finalmente Carlos com voz grave e solemne disse:

—Não te assiste o direito de vingar aquella senhora.

—Como?... não sou amigo de seu marido?...

—Sim; porém o tens offendido dez vezes mais do que o estouvado mancebo, que fallava ha pouco.

—Offendido?... eu... de que modo?...

—Henrique, tu amas a mulher do teu amigo.

Henrique estremeceu vivamente, e de-

pois respondeu em voz baixa e apertando a mão de Carlos:

—E' verdade; mas sei amal-a em segredo.

No entretanto continuavam a gracejar no circulo, que pelos dois jovens havia sido deixado.

—Pois bem, disse o leviano; vou vingar-me nobremente d'aquelle assomado moquinho, que d'aqui sahio ha pouco.

—E porque meio?...

—Trabalhando por tornar a nossa rainha um pouco menos merecedora de sua dedicação, e enthusiasmo.

—E' uma empreza um pouco difficil.

—Eu a reputo bem simples.

—E então?...

—Vou requestal-a.

—Quando começa?...

—Boa pergunta!... já.

—Para ser repellido.

—E' provavel que não; e para o mostrar... eis-me em campo: adeus... resem por mim!...

—Uma palavra ainda...

—O que temos?...

—Uma concordata: se alcançar victoria, trar-nos-ha uma violeta do bouquet, que ella cheira n'este momento.

—Não; uma violeta é bem pouca coisa: trarei no meu peito aquelle cravo, cujo pé deve estar fazendo cocegas terribes na axilla da nossa bella.

—Está dito.

—Adeus pois... e outra vez rezem por mim.

O presumido mancebo foi direito até á cadeira em que se achava sentada a senhora morena.

—Minha senhora, disse elle; eu vinha

sempre a seu lado todos quantos prezam o caracter de catholicos, de civilizados, de homens de bem e amigos da humanidade.

Ilha Terceira, 9 d'outubro de 1876.

Segundo refere um jornal que temos presente, aquelle virtuosissimo Bispo tem recebido os mais inequívocos testemunhos de adhesão e affecto de quasi todos os seus filhos, que de toda a parte teem accorrido a consolar o seu mortificado Pae Espiritual.

Pastoral.

D. João Maria Pereira d'Amaral e Pimentel, por mercê de Deus e da Sancta Sé Apostolica, Bispo d'Angra do Heroismo e ilhas dos Açores, do Conselho de Sua Magestade, Commendador da ordem de Christo, etc.

Ao Muito Reverendo Clero e Fieis d'esta nossa Diocese—Saude e graça.

Sendo uma das Nossas principaes obrigações, como Bispo, ainda que indigno, da Igreja Catholica, o vigiar incessantemente pela pureza de fé, de que ella é depositaria fidelissima; e chegando ao Nosso conhecimento n'esta extremidade, em que Nos achamos, da Nossa Diocese, que alguém pretende espalhar pelos fieis biblias em linguagem vulgar, mutiladas e adulteradas, não podemos deixar de levantar Nossa voz, declarando que não é por amor de instrucção religiosa, que se fazem taes esforços; mas unicamente com o fim de alterar, se possível fosse, o sagrado Codice da Revelação, que é obstaculo insuperavel aos erros que as facções, dissidentes da Igreja Catholica, pretendem sustentar.

E' publico e indubitavel que uma sociedade protestante se occupa sem cessar em fazer imprimir uma quantidade espantosa de biblias em todas as linguas, das quaes são excluidos os livros e passagens oppostas ás suas doutrinas, e adulterados outros logares, com o mesmo fim: para que enchendo-se o orbe christão d'estas biblias, um dia viessem a substituir as verdadeiras e inteiras, ou ao menos para que só aquellas fossem dos fiéis conhecidas, e assim facilmente poderem introduzir seus erros.

Tal é o empenho que tem a Sociedade de Biblica (pois que assim é chamada) de espalhar por todo o mundo as suas biblias falsificadas que, não só as manda vender por preço baratissimo, e até dar gratuitamente, mas paga a emissarios, que por toda a parte inculquem e espalhem por todos os modos tal presente, fazendo com tudo isto uma despeza enorme! E chega

até a imprimir biblias inteiras e exactas, de que manda espalhar alguns exemplares para que á sombra d'estas, e socegados os animos depois do seu exame, mais facilmente possa espalhar ás mãos cheias as falsificadas!

Basta este procedimento traiçoeiro para mostrar a má fé de tal empreza, e que não é por bem dos fieis que se espalham taes biblias; mas unicamente para fazer guerra á Religião Catholica, cujos dogmas e doutrina pretendem corromper, para depois a poderem atacar com esperanza de victoria.

Ora a Biblia é o código sagrado, onde estão consignados os principios fundamentais da nossa fé e moral; e por muitas razões em diferentes logares é o seu verdadeiro sentido obscuro de tal modo, que ás pessoas, que se não acharem habilitadas com os necessarios conhecimentos precisos, poderá parecer que insinúa o contrario do que na verdade ensina.

Motivo por que não é licita a publicação da Biblia nas linguas vulgares pois que só a Igreja é competente para interpretar authenticamente as sagradas Escripturas, por ser assistida do Espirito Sancto.

Os protestantes porém não entendem assim: Julgam-se todos habilitados com os necessarios conhecimentos e assistidos do Espirito Sancto para interpretarem a Biblia a seu modo; do que tudo tem resultado tal divisão e subdivisão de seitas, que vivem em perfeita anarchia com relação a idéas religiosas, não se entendendo uns aos outros.

Eis aqui o que provavelmente terá tambem em vista a Sociedade Biblica: introduzir entre os catholicos o principio, ao menos pratico, do livre exame, e communicar-nos a horrivel confusão de idéas religiosas, que entre elles existe.

Vêde pois, carissimos Irmãos e Filhos no Senhor quantos e quão grandes males resultam d'uma cousa, que se pretende insinuar, como dictada pelo zelo da instrucção religiosa dos povos!

Como razão, pois a Sancta Igreja prohibe, debaixo de gravissimas penas, a aquisição de livros que julga prejudiciaes aos fieis, como as biblias de que se trata; sendo obrigadas as pessoas que possuem a entregar-os immediatamente a Nos, ou aos nossos muitos reverendos Ouvidores, ou Parochos, para os destruir.

Recommendamos pois a todos os nossos amados diocesanos, com a maior instancia, por bem de suas almas, não comprem nem recebam por qualquer titulo, ou pretexto, taes biblias, na certeza de que se as adquirirem estando de má fé, incorrem na pena de excommunhão maior, e são obrigados a entregar immediatamente esses livros ao seu muito reverendo

Ouvidor respectivo, debaixo da mesma pena.

Eurogamos a todas Auctoridades d'esta nossa diocese—não consentam que os emissarios da Sociedade Biblica andem, iludindo e seduzindo os povos, e fazer propaganda contra a Religião do Estado applicando-lhes as leis do Reino, a tal respeito, se tanto preciso fôr.

Aos muito reverendos parochos e Curas Capellães recommendamos leiam e expliquem a presente Pastoral a seus respectivos freguezes á estação da missa conventual do primeiro domingo, ou dia sancto depois de recebida; e que constando-lhe que á sua respectiva freguezia chegou algum d'aquelles emissarios, requisitem logo da auctoridade competente as necessarias providencias.

Dada em visita pastoral, na Villa das Lages da ilha das Flores, sob nosso signal sómente, aos 22 de junho de 1876.

JOÃO MARIA, BISPO D'ANGRA.

Choram os crocodilos.

Os clamores espantadiços de certa imprensa revolucionaria causados pelo triste espectáculo exhibido nos repetidos processos de divorcio e separação de casados, fazem-nos sugerir a vontade de perguntar a essa mesma imprensa se a ella não cabe grande parte ou summa de responsabilidade n'esses acontecimentos, deploraveis por certo, mas tão perfeitamente harmonicos com o aviltamento e degradação moral a que o liberalismo tem reduzido tudo.

E perguntamos-lhe sem receiarmos que resposta seria e curial venha tirar-nos da convicção em que estamos de similhante asserto.

Realmente o liberalismo tem feito chegar a todos e a tudo os effectos perniciosos de sua escola nefasta. Sendo para elle de primeira intuição a abstracção completa dos sacrosantos principios do catholicismo,—cae forçosamente no esfacelo e podridão que comunica a tudo que participa da sua escola.

Com applauso d'essa imprensa que hoje faz a caramunha, inaugurou e tem proseguido seu funesto reinado o liberalismo. A' promulgação de suas leis e preceitos preside sempre o sordido egoismo, a negação da verdadeira moral; muito não é pois que a execução d'essas leis e preceitos em taes bases moldados surta os effectos perniciosos que estão abismando a especiação publica em que reste ainda um pouco d'aquelle pudor e vergonha a que é estranho o liberalismo.

Para esta parte da sociedade a que o contagio pestilento não tem chegado, se dirigem por certo os clamores que

citamos, mas se com effecto, como piamente suppomos, ainda ha muito quem sinceramente deplora similhante estado de coisas, tambem se hade convencer da requintada má fé com que essa imprensa vem atirar ás turbas os lamentos de crocodilo.

Um dos periodicos em que notamos a lamuria, arroga-se ali uma incolor, uma virtude e castidade mais sublimes que as do proprio Edem, e no entanto debaixo de inculcas tão artemidamente adduzidas está assolapada a suprema podridão mas nem tanto que deixe de sobresair ás vistas menos prespicazes dos que o ignominioso liberalismo não tem contaminado.

Da sinceridade pois de taes lamurias desconfiar sempre. Teem a paridade e o cunho do liberalismo catholico. São armadilha aos incautos para que imbuidos com tretas melifluas e de affectada virtude vão na enxurrada enganadora engolfar-se no pego immundo do liberalismo.

Fiar pouco de tal carpir. E' o choro do crocodilo.

J. MACHADO JUNIOR.

GAZETILHA



CONVITE.

Por não ser possivel no dia 14, devem celebrar-se, no proximo sabbado, 18, solemnes exequias para sufragar a alma do Senhor D. Miguel de Bragança.

De manhã haverá na igreja escolhida para este acto, a do hospital de S. Marcos, missas geraes, e por 10 horas missa solemne, e no fim «Libera me».

São por este meio convidados os rev.^{os} sacerdotes e amigos do Augusto Finado a tomarem parte n'esta funebre commemoração.

Fallecimento.—Ante-hontem por 9 horas da noite, falleceu o snr. Antonio José Leite Pinheiro, proprietario da Typographia Lealdade.

Que Deus tenha a sua alma entre os resplendores da luz perpetua.

Festejos nos Arcos.—Disem-nos dos Arcos que se preparam alli grandes festejos para commemorar a Restauração de 1640.

Acha-se ja constituída uma commissão para os levar á effecto. Honra lhe seja.

declarar a v. ex.^a que sou um consummado traidor.

—Sinto, senhor, não poder louval-o por isso.

—Estava alli com aquelles senhores, fallando mesmo a respeito de v. ex.^a

—E' possivel.

—Julguei que v. ex.^a estimaria saber o que diziamos.

—Enganou-se; sou bem pouco curiosa; se eram elogios, não sabendo d'elles, poupo-me a agradecimentos que ás vezes me custam muito; se me desabonavam, furto-me ao desgosto de ouvir censuras que realmente, ainda quando justas, não agradam nunca.

—E se acaso se hovessem dito coisas que muito conviesse que v. ex.^a as soubesse?...

—Eu pediria que as fossem referir a meu marido.

—E se o marido de v. ex.^a as não devesse saber?... se mesmo cumprisse que elle as ignorasse sempre?... replicou o mancebo.

—Não comprehendendo... misterios tão asombrosos, mas que se tratam em uma sala de baile, ao compasso das contra-danças, e em circulo de moços, alguns dos quaes devem ser bem leviannos, são em verdade coisas muito incomprehensíveis!

—Se todavia v. ex.^a quizesse arrasar esses segredos, achar o fio d'esse labyrintho, ou decifrar essa charada...

—Senhor... sou tão pouco intelligente!...

—Eu me obrigaria a aclarar-lhe tudo; desempenharia meu papel de consummado traidor, com a condição de v. ex.^a aceitar o meu braço e dar commigo um passeio.

—Ah!... que tempo e que eloquencia que v. s.^a gastou para pedir-me um passeio!...

—E então?... v. ex.^a será tão benigna que me não regeite?...

—Mas eu estou tão cançada!

—Vejo que é ser importuno insistir, mas eu insisto.

—Sinto que é ser incivil teimar ainda, mas eu teimo.

—Teima em que?...

—Em ficar sentada.

—Minha senhora, comprehendo que para quem não tem a honra de ser de v. ex.^a conhecido, eu já pretendo muito; mas póde v. ex.^a estar certa de que eu não seria capaz de offendel-a.

—Oh! não é isso: creia que sou pouco medrosa.

—Ha pouco eu juraria o contrario.

—Pois passeiemos.

Um raio de alegria terrivel brilhou nos olhos do mancebo: guardou silencio por alguns momentos, e quando se achou fóra da sala da dansa, começou dizendo:

—Quer v. ex.^a que eu comece a ser traidor?...

—Ah! pois deveras temos uma historia?...

—E no fim um verdadeiro misterio.

—Eu lhe escuto.

—Verá que vou trahir a mim mesmo.

—Diga... diga.

—Sustentava-se no circulo em que eu me achava, que v. ex.^a era encantadora: todos concordáram, e eu tambem.

—Só isso?...

—Engraçada; convieram todos, e eu tambem.

—Espirituosa; todos apoiaram, e tambem eu.

—E que mais?...

—Inconquistavel; todos o affirmaram, menos eu.

—Menos o senhor?!!!

—Sim, minha senhora; eu declarei que não havia mulher, de quem algum homem se não pudesse fazer amado.

—E disse bem, porque eu amo meu marido

—Perdoe-me; é que eu não me referia ao marido de v. ex.^a

—Ah senhor!... isso agora...

—Minha proposição foi geralmente combatida.

—Fizeram-me justiça.

—Mas eu fui por diante; sustentei quanto havia dito, e jurei demonstral-o.

—E como, senhor?...

—Fazendo-me amado de v. ex.^a

A senhora morena olhou espantada para o insolente que assim lhe fallava, e encontrou fitos em seu rosto dois olhares frios, mas impassiveis.

—Senhor!... disse ella com voz alterada.

—Jurei, proseguiu o mancebo, que conseguiria isso hoje mesmo.

—E' incrivel tanta ousadia!...

—E que em signal de minha victoria levaria no meu peito o cravo que está ali ornando o de v. ex.^a

—Eu tenho pena do senhor, porque realmente me parece um pobre louco.

—Pena tenho eu de v. ex.^a, disse o mancebo apertando o braço da senhora; porque eu hei de d'aqui a pouco apparecer com esse cravo no meu peito; e d'aqui a pouco v. ex.^a ha de na sala que deixamos, pelo menos, fingir-se docil a meus

cumprimentos, e grata a meus extremos.

—Commetti uma imprudencia em aceitar o braço de um fatuo que não conhecia, respondeu com nobre altivez a senhora; mas o senhor vae já levar-me a meu lugar, se não quizer vêr retirar-me só, e dizer em voz alta que qualidade de homem se atreveu a offerecer-me o braço.

—Tanta fereza!...

—Senhor... tornemos á sala... aliás...

—Pois bem... v. ex.^a ouvirá primeiro duas palavras, e depois... veremos.

No fim de meia hora os dois entraram na primeira sala.

O cravo que ornava o peito da senhora, tinha passado para o do mancebo: elle estava radiante; ella muito pallida.

Henrique quando viu o cravo rajado no peito do atrevido moço, deixou-se cahir em uma cadeira, como fulminado por um raio.

Depois, passada uma hora ergueu-se, e Carlos chegou-se a elle.

—Então, Henrique, pretendes ainda bater-te ámanhã?...

—Não, Carlos; mas parto para França no primeiro navio que der á vela.

Esta scena tinha occorrido no meado do anno de 1843.

A senhora morena que se havia tornado pallida, chamava-se Marianna.

O nome do mancebo fatuo que se fizera radiante, era Salustiano.

(Continua)

Companhia Carris de ferro de Braga.—Já foi descarregada na alfandega do Porto uma grande porção de rails, e acha-se em viagem todo o material preciso, carruagens, rails, etc. mandado vir pela Companhia Carris de ferro de Braga.

Anniversario funebre.—Por ser hontem o anniversario do obito da Senhora D. Maria II celebrou-se no Populo uma missa, a que assistiram o regimento 8, destacamento de cavallaria aqui estacionado, auctoridades e empregados.

Objectos duplicados.—Tem alguns para trocar—em curiosidades bibliographicas, e em paineis e medalhas—o professor do lyceu de Braga, Pereira-Caldas.

Podem ser examinados estes objectos duplicados, depois das 4 horas da tarde até ás 6, em qualquer dos dias da semana.

Despachos.—O «Diario do Governo», n.º 253, de 11 do corrente publica os seguintes despachos:

Francisco Januario Rodrigues, parochello collado na igreja de S. Mamede de Evora, na igreja parochial de Nossa Senhora dos Martyres, da cidade de Lisboa.

Francisco da Silva Figueira, parochello collado na igreja de Nossa Senhora da Ajuda, na igreja parochial de Nossa Senhora da Pena, da cidade de Lisboa.

José Alexandre Campos, parochello collado na igreja de S. Miguel de Alfama, na igreja parochial de S. Pedro, em Alcantara.

João Baptista da Costa Pessoa, na igreja parochial de S. Pedro da Alfandega da Fé.

Manoel Correia de Sampaio, parochello collado na igreja de Santa Eulalia, na igreja parochial de Santa Maria de Arnoso.

José Bernardo Giraldes, parochello collado na igreja de S. Sebastião, na igreja parochial de Nossa Senhora da Ribeira de Boncoães.

João Xavier Cordeiro, parochello collado na igreja de Nossa Senhora da Conceição de Casal de Cinza, na igreja de S. Vicente de Castro Vicente.

Antonio Paio de Araujo, parochello collado na igreja de Santo Antonio de Soutellinho da Raia na igreja parochial de S. Martinho.

José Capello Ribeiro Leitão, na egreja de Nossa Senhora da Graça da Povoia do Concelho.

Antonio Bernardo Giraldes Ferreira, na igreja de Santa Barbara de Souto Maior.

Manoel Joaquim da Rua, na igreja de Nossa Senhora dos Prazeres de Villa Franca das Neves.

João Caetano Fernandes de Miranda na igreja de Santo André de Villar de Perdizes.

João Antonio da Silva, na capellania de Nossa Senhora dos Remedios.

Joaquim Augusto Lopes de Macedo, nomeado segundo official da secretaria da junta geral da bulla da cruzada.

Grande temporal em Lisboa.

—Desde a tarde de sabbado até á manhã de domingo, 12, desabou sobre Lisboa um horroroso temporal, que causou immensos desastres.

—Um correspondente da capital narra-os do modo seguinte:

Em frente do Poço do Bispo submergiram-se duas fragatas do sr. Guedes, correndo outras grande risco. Diz-se terem morrido dois homens estando outros em grave perigo de que foram salvos pela manhã

Em frente da estação do caminho de ferro afundaram-se um hiate portuguez e um inglez com carga de phosphorite; ficaram completamente destruidos um hiate e uma barca.

Uma barca portugueza garrou e foi cair sobre a barca do registro, que pediu soccorro; hontem foi acudir-lhe um rebocador.

No caes da lingueta, ao chafariz de Dentro, appareceu uma lancha despedaçada, a proa de um navio inteira e muitos fragmentos de embarcações.

De encontro ás pontes da alfandega municipal foram dar duas embarcações com as amarras despedaçadas. Uma d'ellas partiu dois tubos da ponte nova e chegou a ter uma parte debaixo da ponte.

Defronte do Caes de Santarem ficaram enrascados 3 navios, um sueco, 1 norueguez e 1 inglez. Uma fragata afundou-se.

No quadro os desastres foram em grande numero pela agglomeração dos barcos. Póde dizer-se que quasi todos tiveram avaria.

A barca de registro n.º 4 içou ban-

deira pedindo soccorro por se lhe ter afundado o escaler.

A barca n.º 1 garrou e foi de encontro ás pontes da alfandega, ancorando depois em frente da caldeira.

A alfandega ficou com tres escaleres no fundo, em parte despedaçados.

Uma barca ingleza abalroou com outros navios, proximo do registro n.º 2, e ficou com a mastreação partida.

O vapor «Maria Pia» partindo-se-lhes as amarras de ferro garrou com a boia pendurada e foi encahar no lugar denominado a Ribeirinha, entre a ponte dos vapores do Terreiro do Paço e a Arsenal. Foi extraordinariamente feliz porque não soffreu avaria grossa, nem o embate de outros barcos.

Dos navios da nossa marinha de guerra, faltaram as amarrações á fragata «D. Fernando», e ás corvetas «Bartholomeu Dias» e «Estephania» mas como estava tudo prevenido deitaram mais ferros. A «Bartholomeu Dias» quando garrou foi descahir sobre a canhoneira «Sado» que por tal motivo teve de mudar de amarração. A «Bartholomeu Dias» voltou hontem para a sua antiga posição.

A jangada destinada ao serviço das bocas de fogo das torres da barra e que estava esperando o bom tempo para levar o motor para S. Julião da Barra deitou fóra com o balanço uma das zorras e o guindaste hydraulico, indo tudo parar para o fundo, de onde é possível tiral-o.

O numero de fragatas afundadas é grande, e muitas outras soffreram grandes avarias.

Da companhia dos paquetes de Africa afundaram-se 4 fragatas com carvão de pedra; outras se perderam com madeira, fazendas e trigos.

Tiveram avarias entre outras a barca noruegueza «Emma» a «Mendosa» e a «Nickolson». Afundou-se uma fragata do sr. Pinto Basto carregada de arroz.

A barca de banhos «Feliz Destino», propriedade do sr. Borges d'Almeida, ancorada no Aterro em frente de Santos soffreu grande avaria. Uma fragata foi abalroar com a barca, levou-lhe o banho geral da ré, arrombou-lhe uma das janellas dos quartos particulares, e partiulhe pelo meio a ponte que o communicava com o Aterro.

Dos botes de catraia suppõe-se que se perderam-se uns 15, porque só ás 3 da noite é que os catraeiros puxaram alguns para terra. As vigas que estavam boiando de encontro á muralha desprenderam-se e muito contribuíram para reduzir os botes a lenha.

Quasi todas as embarcações ficaram sem as lanchas que vieram parar á praia arrombadas ou feitas em estilhas.

No caes da areia afundou-se uma fragata carregada de fio electrico. A ponte da Ribeira Nova ficou muito estragada.

Entre muitos destroços causados em diversos pontos, tenho noticia dos seguintes:

Abateu uma trapeira na rua de S. Marçal, á esquina da travessa da Piedade.

Nos Prazeres foi derribado um muro de uma quinta, cuja reconstrução se calcula em quinhentos mil réis.

O tapume da rampa de Santos veio a terra, assim como um barracão proximo ás Terceiras.

O telhado d'ardoza, da casa do sr. Fernandes na rua do Duque da Terceira, foi arrancado pelo tufão.

O mostrador de esculpturas da officina do sr. Salles, ao Aterro, ficou com os vidros partidos.

Na casa do sr. conde de Nova Goa, na rua do Prior, foi arrancada quasi toda a cobertura de ardozia de um pavilhão.

Na rua do Olival foi pelos ares um chalet que estava em construcção.

Na rua Nova da Piedade, ficou quasi destelhada uma casa que se estava reconstruindo.

Cahiram os tapumes do mercado que se está fazendo no Aterro.

Na rua da Penha de França veio a terra o tapume do barracão do sr. Lambertini.

Na mesma rua cahiu da platibanda de um quarto andar, um grande vaso.

No predio da rua Nova da Piedade, 54, pertencente ao sr. Augusto da Costa Lima, foram pelo ar umas grades de madeira que separavam os quintaes.

No hotel de Bragança o vento arrombou duas vidraças.

Na rua das Flores, para baixo da guarda, quasi todas as janellas ficaram com os vidros despedaçados.

O grande cadeiro que estava á porta

do café Gibraltar foi arrebatado pelo vento, não se sabe para onde.

Um carteiro que pela madrugada passava pelo largo de S. Carlos ia sendo victima do desabamento de uma claraboia.

Uma chaminé de ferro da serralheria na rua do Norte, foi pelo ar

Nas officinas do caminho de ferro do norte, no arsenal do exercito, e no Matadouro, foram levantadas as coberturas de zinco.

No largo de S. Roque, abateu um pedaço da calçada, junto á loja de chá do sr. Calderon, e cahiram seis pessoas durante a noite; na rua dos Calafates, e no paço da Rainha, tambem abateram pedaços da calçada.

Foram poucas as claraboias que deixaram de ter vidros partidos.

Muitas das vidraças voltadas ao sul foram arrombadas pelo vento e algumas portas interiores não resistiram á violencia do empuxão.

Na alfandega o arvoredado soffreu grande destroço; muitas vidraças foram despedaçadas.

O taboleiro do pateo da alfandega ficou sem grande parte da cobertura, que era de folha de ferro zincado e vidros; alguma das folhas foram arremessados a grande distancia.

O furacão arrebatou de um quintal de rua do Caldeira uma capoeira com gallinhas, sem que o dono soubesse onde foram cair.

Na rua da Gloria á Graça, o vento arancou os varões de ferro que sustentavam uma parreira e apresentou com tudo no meio da rua.

Na calçada do Marquez d'Abrantes foi derrubada uma trapeira.

Uma grande e frondosa arvore que existia no largo da Fundição, em frente da casa da guarda, foi arrancada pelo vento.

O furacão arrancou entre outras arvores, 18 pinheiros do jardim da Estrella.

No jardim da rampa do Aterro ficaram acamadas todas as arvores e uma de ellas com a raiz á mostra.

A formosa palmeira do jardim do sr. duque de Palmella no Calhariz ficou destroçada e todas as arvores soffreram.

As arvores do Campo Grande soffreram muito, principalmente os eucalyptos e os pinheiros novos

Foram arrancadas tres arvores annosas.

Na quinta do sr. Godefrey, na estrada do Lumiar, quebraram-se quatro das maiores oliveiras e muitos vasos cahiram dos muros.

No largo de Santo Antonio da Sé foi arrancada uma arvore pela raiz, no largo de Camões outra e outra no caes do Sodré.

A palmeira do jardim do hospital de marinha, que tem resistido a tantas inverniaes e vendavaes, foi partida na noite de ante-hontem.

Na rua do Abarracamento de Peniche, no quintal do sr. João Antonio Martins, foi arrancado um eucalyptos.

Na quinta do sr. João Palha foram partidos dois pinheiros.

Na eschola polytechnica tombaram alguns eucalyptos, mas a estufa que está em construcção não teve prejuizo.

Seria impossivel enumerar todos os arvoredos que soffreram com o temporal.

No Campo de Sant'Anna, no largo do Mastro, no Passeio Publico, na praça da Alegria, no largo do Carmo, no Terreiro do Paço, no caes dos Soldados, na praça das Flores, e no jardim do Matadouro não houve arvore que deixasse de ser maltractada pelo temporal.

Quasi todas as parreiras de quintaes foram atiradas ao chão, arrastando as vigas e os varões que as sustentavam.

No largo das Necessidades foi arrancada pela raiz uma pimenteira.

Uma das arvores derrubadas pelo vento na quinta real apanhou na queda, despedaçando os fios do telegrapho.

Tambem para aquelles sitios fez destroços nos telhados o furacão.

As correntes que seguram as portas do caneiro de Alcantara arrebataram, sendo necessario amarral-as com cabos.

O caneiro estava cheio de barcos que se tinham refugiado alli do temporal.

Quando as portas se fecharam houve alguns abalroamentos, mas de pequena monta.

O jardim da Praça de Armas ficou destroçado.

A extensa alameda da Junqueira soffreu tambem os effeitos do temporal.

Muitas arvores foram arrancadas pela raiz e outras quebradas pelo tronco.

Os barcos foram puchados para terra, operação facil n'aquella praia e que os preservou de perda certa.

Na praia da torre varou á volta da meia noite o cahique «Domingos Pereira», indo de S. Martinho para o Algarve, fóra forçado pelo tempo a arribar. Encahou a leste da Torre, no sitio chamado o Torrão. Trazia carga de madeira, cereaes e varios generos. Só depois das 4 horas da manhã foi possível pol-o a nado.

Tambem se afundou um bote de pilotos, dois escaleres que estavam amarrados aos hiates-pilotos fundeados defronte de S. João de Ribamar, dois escaleres das gondolas que transportam os passageiros do lazareto e o escaler do registro do porto.

O mar em Cascaes offerecia um espectáculo pavoroso. Contam as pessoas do sitio que não ha memoria de uma coisa assim.

A polaca hespanhola «Atrevida» não naufragou por causa do mau tempo. Vinha com agua aberta e os tripulantes queriam encahal-a na praia. Ao dobrar a ponta da fortaleza, como não levava pratico, bateu na lage onde se despedaçou, vindo a equipagem para terra em barcos.

Estes são os destroços de que ha noticia na margem direita do Tejo. No Carregado foi derribado pelo vento um barracão; no valle de Santarem ha enormes prejuizos nos olivedos; em Loures, Bemfica e Friellas houve grande inundação.

Na margem esquerda do Tejo, na rocha do Olho do Boi, deslogou-se um enorme pedregulho que resvalou, ficando felizmente a meio caminho, sem o que teria arrasado as casas do sr. Price

O destroço em arvores e parreira foi tambem muito importante alli.

O sr. Raposo de Carvalho, superintendente do serviço maritimo esteve parte da noite na alfandega e de madrugada embarcou em um escaler e deu as providencias possíveis.

Não ha noticia do guarda da alfandega de Lisboa n.º 4 E, que tinha serviço no Aterro, dentro de uma fragata.

O guarda n.º 280, Manoel da Silva, ficou ferido em um braço, quando embarcava em uma fragata.

Consta que um fragateiro partiu uma perna e que morreu afogado um rapaz de 12 annos que estava n'um bote.

Em terra um municipal ficou ferido na occasião em que um telhado era arrebatado pelo vento e outros soldados receberam contusões em varios sitios.

A policia civil e os guardas da alfandega guardaram todo o dia a beira do rio, para recolherem os salvados e impedirem que a gatunagem se apropriasse d'elles. Foram presos alguns larapios, verdadeiros cafres, que no meio de consternação geral, deitavam a mão aos despojos da immensa catastrophe, que o mar restituia avariados.

Temporal no Porto.

—Foi desabrido o temporal que na noite de sabbado para domingo caiu sobre esta cidade. A chuva foi quasi continua e torrencial, e o vento era por tal fórma impetuoso que ameaçava abalar dos seus alicerces os mais solidos edificios.

Ha muito tempo que não temos atravessado uma quadra tão tempestuosa.

Se á furia do temporal resistiram os alicerces dos edificios, não succedeu o mesmo com os altos, e com uma ou outra construcção menos solida.

Entre muitos estragos causados pela força das aguas e pela impetuosidade do vento, eis alguns de que temos noticia:

Na rua do Montebello caio o muro de um quintal, e os destroços, batendo com força n'uma casa, da qual é inquilina a sr.^a Margarida Rita, damnificaram-a em parte. Felizmente não houve desgraças pessoas, porque não estava em casa nenhum dos membros da familia que habitava o predio. Este desabamento deuse no domingo pelas 3 horas da tarde.

Na viella da Netta, proximo á das Pombas, caiu parte de uma casa e muro contiguo a esta, obstruindo a referida viella. Não houve desgraças, porém os moradores soffreram alguns prejuizos.

No cemiterio municipal de Agramonte os prejuizos causados pelo mau tempo foram importantes, pois quebrou-se numero consideravel de arvores, sendo outras arrancadas completamente. Uma enorme pedra e cruz que rematava um jazigo tambem cairam por terra, acontecendo caso identico no cemiterio privativo da Ordem da Trindade.

O pavilhão que existia na rotunda da Boa-vista, e que era destinado a musica

que alli costuma tocar aos domingos de tarde, foi completamente destruido.

Na noite de sabbado, foram ao fundo no rio Douro, no sitio de Campanhã, 4 barcas carregadas com carris de ferro, destinados ao caminho de ferro do Douro, e uma carregada de sal tambem foi a pique no sitio dos Guindaes. As quatro primeiras barcas pertenciam ao snr. J. J. Schneider.

Em quasi todas as ruas, sentiram-se nos predios mais ou menos violentamente os effeitos da tempestade.

Grande numero de clara-boias, e algumas pesadissimas, foram arrancadas pelo vento; em muitas casas, cujas paredes são revestidas de telha, foi destruido grande parte do revestimento; os beirões de telhado que vieram a terra, não teem conta.

Nos quintaes muitas arvores foram arrancadas e outras quebradas.

Bastantes dos tapamentos de madeira ue costumam separar as varandas dos redios foram arrebatados.

No rio Douro não nos consta que houvesse desgraças; mas além dos estragos que já acima mencionamos, dizem-nos tambem que duas embarcações surtas em frente do cas da alfandega abalroaram, soffrendo avaria.

Por toda a parte se sentiram os effeitos do temporal, e a ninguem deixou elle de causar sobresalto.

Ha 11 annos que nos não lembra de presenciar tão violenta tempestade. Foi em 1865, n'este mez, e com differença de poucos dias, que n'esta cidade se sentiu tambem um violentissimo vendaval, como aquelle que acabamos de registrar.

De ante-hontem para hontem repetiu-se a tempestade ainda com grande violencia, porém os estragos foram menores.

O dia de domingo e de hontem conservaram-se chuvosos, porém de dia a furia do vento tem sido menor.—(«C. do Porto».)

Temporal em Vianna.—O correspondente de Vianna para o «Jornal da Manhã» communica ao nosso collega que naoute de sabbado e todo o domingo, houve n'aquella cidade um forte temporal, causando bastantes estragos, taes como beirões de telhados e arvores arrancadas e quebradas.

Não houve, felizmente desgraça alguma a lamentar, dentro e fora da barra, a não ser algumas amarras rebentadas de de diversos navios, que ainda chegaram a atravessar-se por falta d'estas, sendo porém o mal remediado pela tripulação que se achava fornecida, tomando os effeitos da terrivel ventania.

Portuguezes fallecidos.—Falleceram, no Rio de Janeiro de 15 a 22 de outubro os seguintes subditos portuguezes:

Francisco Luiz Capello, 15 a. s.; Antonio Augusto Freire Figueira, 45 a. c.; Manoel Ferreira Barbosa Mendes, 45 a. c.; Manoel Leite Bastos, 51 a. c.; Sebastião Manoel de Azevedo, 15 a. s.; Antonio José de Azevedo, 42 a. s.; Joaquim José Luiz de Abreu, 56 a. c.; Serafim Vieira Dias, 41 a.; José Rodrigo Moreira, 47 a. c.; Antonio Joaquim Machado, 39 a. s.; Comendador Luiz Antonio da Silva Guimarães, 65 a. c.; José Gomes da Costa, 40 a. c.; Antonio José de Lima, 55 a. c.; Francisco Salvador Nunes Pereira, 24 a. s.; Manoel Rodrigues da Fonte, 54 a. c.; José Thomaz Osorio, 27 a. s.; Joaquim Ferreira de Mattos, 30 a.; Joaquim Martins Neves, 44 a. s.; Antonio da Silveira Furtado, 64 a. c.; José de Menezes Pamplona, 52 a. c.; Maria Rosa do Carmo, 70 a. v.; João David Pereira, 11 a.; Custodio Henriques Gonçalves, 43 c.; Clemente de Moura, 50 a.; José Rodrigues Ferreira Cardoso, 73 a. c.; Anna Ermelinda Fernandes 55 a. c.; Caetano Ferreira de Almeida, 18 a.; Affonso dos Santos Salgueiro 14 a. s.; Francisco José Coelho de Salles; 37 a. c.; Joaquim da Silva Coelho 52 a. s.; Antonio Jacome de Cesar, 52 a. s.; José Joaquim Pereira, 49 a. s.

De 20 a 27 de outubro falleceram em Pernambuco os seguintes subditos portuguezes:

Antonio Duarte d'Oliveira Rego, 80 a. v. Eulalya Furtás d'Oliveira, 62 a. c.

Director a exm.^a snr.^a D. Maria da Gloria Dias Branco, convidam por este meio todas as pessoas das suas relações e da exm.^a familia da finada, a assistencia áquelle acto religioso, pelo que desde já se confessam gratos.

Braga 13 de novembro de 1876.
(4427)

ULTIMOS TELEGRAMMAS DA AGENCIA HAVAS

MADRID, 11.—O serviço funebre em memoria da duqueza de Aosta esteve magnifico. A igreja de S. José e a rua do Alcalá estavam cheias de gente. Assistiram ás exequias varios ex-ministros. Respondendo no congresso a uma interpellação, Barzanallana disse que pagará um quarto do coupon consolidado como foi promettido e na época annunciada. Respondendo a outra interpellação, o ministro dos estrangeiros declarou que o governo hespanhol auctorisou a extradição de Tweed para corresponder á benevolencia do gabinete de Washington. O ministro citou um caso análogo succedido com o governo francez, que a pedido de Hespanha permittiu a extradição do carlista Rosa Samaniego.

PARIS, 11.—A camara dos deputados rejeitou a emenda que propunha a supressão do embaixada de França junto do Papa. O czar pronunciou em Moscou um discurso bellicoso. Disse que a Russia sustentará na conferencia as suas reclamações, mas que se os seus desejos não forem realisados, a Russia ver-se-ha obrigada a recorrer ás armas, e para isso conta o czar com o exercito e com a nação.

LONDRES, 11.—Receiam-se graves acontecimentos nos Estados-Unidos da America, se a eleição de Hayes fór determinada pelo voto dos estados que estão militarmente occupados.

BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA.

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada.

Resumo do activo e passivo em 21 de outubro de 1876

Activo	
Acções de Bancos e Companhias.	16:661\$000
Acções para emittir.	1.700:000\$000
Agencias	7:667\$751
Caixa	12:735\$352
Despezas d'installação.	1.627\$569
Casa forte	495\$433
Emprestimos a Camaras Municipaes.	32.610\$366
Emprestimos hypothecarios	23:087\$250
Emprestimos s. penhores.	10:565\$506
Letras em carteira	229:940\$672
Movéis e utensilios.	1:833\$673
Diversas contas devedoras	7:567\$563
Valores depositados.	3:782\$240
Creditos	11:850\$179
Contas correntes	48:831\$809
Accioni-tas	10:121\$000
	2.119.361\$355
Passivo	
Capital	2.000:000\$000
Credores de valores depositados	3:782\$240
Depósitos a prazo.	62:527\$388
Depósitos á ordem.	28:521\$250
Devedores e credores geraes.	15:040\$662
Fundo de reserva.	1:000\$000
Ganhos e perdas.	7:394\$095
Letras a pagar.	16\$820
Dividendos	934\$900
	2.119.361\$355

Banco Commercial de Coimbra, 10 de novembro de 1876.

Os gerentes.

Manoel dos Santos Junior.
José Barbosa Lima.
J. Melchades Ferreira Santos.

ANNUNCIOS

O Definitorio da Ordem Terceira de S. Francisco, d'esta ci-

dade de Braga, tendo em construcção a obra de soalhamento da sua Igreja—o que muito já concluida—vem por isso prevenir todas as pessoas que na mesma Igreja tenham ossadas de familia, parentes ou amigos, que pretendam trasladar—devidamente auctorisadas—o venham fazer impreterivelmente até o dia 25 do corrente, passado o qual jámais se poderá realizar.

Braga 14 de novembro de 1876.
(4422)

ARREMATACÃO

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio do escrivão Pessa, no dia 19 do corrente mez, pelas 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial largo de Santo Agostinho d'esta cidade, teem de voltar de novamente á praça, com abatimento da quarta parte os moveis e propriedades seguintes:

Uma commoda de pinho louvada em 1\$500 rs. Uma dita de madeira de fóra com tres gavetas e dois gavetões louvada em 3\$000 rs. Um relógio de sala com caixa de talha louvado em 15\$000 rs. Um bahú grande forrado de couro em 4\$000 rs. Um aparador de madeira de fóra em 3\$000 rs. Uma cama franceza em bom estado em 12\$000 rs. Seis cadeiras de cerdeira com assento de palhinha em reis 3\$600. Um tapete em bom estado em reis 3\$000. Um canapé de cerdeira com assento de palhinha em 1\$500 rs. Uma meza de castanho com abas em 2\$400 rs. Uma morada de casas de um andar situada na rua da Cruz de Pedra, designada pelo n.º 89 de natureza allodial, que se acha louvada em 240\$000 rs. Outra dita de dous andares, contigua á mesma, designada pelo n.º 90, com a mesma natureza—louvada na quantia de 600\$000 rs. E finalmente outra dita morada de casas de dous andares, designada pelo n.º 92, de natureza allodial, louvada em 1:200\$000 reis. Todas estas propriedades são situadas na rua da Cruz de Pedra d'esta cidade, e a presente arrematação é por força d'execução que a Gerencia do Banco do Minho move ao executado José Antonio da Cunha Moreira, morador na dita rua d'esta mesma cidade.

Braga 15 de novembro de 1876.
(4425) O solicitador—Torres.

BANCO MERCANTIL DE BRAGA SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Os poucos snrs. accionistas d'este Banco que não tenham effectuado ainda a 4.^a e 5.^a entradas de suas acções são prevenidos de que as devem realizar até ao dia 15 de dezembro proximo, ficando em caso contrario sujeitos ao commisso estabelecido no art. 17.º dos Estatutos.

Braga 14 de novembro de 1876.
Pelo Banco Mercantil de Braga, os directores,
João da Costa Palmeira
José Joaquim Lopes Cardoso.

Arrendamento

Por não poder realizar-se no domingo passado o arrendamento da cerca do convento da Penha, se faz novamente publico aos interessados, que deverá ter logar no domingo, 19 do corrente, na sala de sessões do Asylo de D. Pedro V, pelas 11 horas da manhã.

Braga e secretaria do Asylo, 15 de novembro de 1876.

O secretario,

(4423) P.º Luiz Gomes da Solva.

ARREMATACÃO

No dia 26 do corrente, pelas 11 horas da manhã, se tem de arrematar uma morada de casas, situada na rua da Ponte, com o n.º 91. Quem a pertender deve comparecer no local da mesma. (4426)

COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE BRAGA

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

São convidados os snrs. accionistas, a entrarem com a 3.^a prestação de 20000 ou 10\$000 rs. por acção, nos dias 5 e 9 do proximo mez de dezembro em casa do snr. Manuel Joaquim Gomes, no campo de Sant'Anna, e no Porto, os snrs. Marques Guimarães & Monteiro, rua Nova de S. João. No acto do pagamento é indispensavel a apresentação dos titulos provisorios.

Braga 9 de dezembro de 1876.

O gerente,

(4424) Nuno José Villaça.

Vende-se um foro de vinte e cinco mil reis annuaes, imposto em três moradas de casas n'esta cidade, livres de decima e toda a contribuição.

Vende-se mais outro foro de uma pipa de vinho, vinte e seis alqueires de milho alvo, seis litros de centeio, quarenta ditos de pão meado, cujo foro imposto em propriedades na Ribeira de Valdeste, n'um só caseiro, é pago n'esta cidade. Quem os pretender dirija-se a José Maria Torres Machado, morador nas Travessas, em casa do fallecido José da Cunha. (4420)

Por ordem da mesa administradora, da irmandade de N. Senhora da Ajuda e S. Sebastião das Carvalheiras, terá logar no dia 19 do corrente, ás 10 horas da manhã, á porta da mesma capella, a arrematação da cobrança das medidas e foros vencidos no S. Miguel do corrente anno.

O secretario—A. Domingues Alvim. (4419)

Companhia Edificadora e Industrial Bracarense

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

São convidados os snrs. accionistas d'esta Companhia, a realisarem, do dia 6 a 18 do proximo mez de novembro, no escriptorio da Companhia na rua da Cruz de Pedra n.º 6 a 12, desde as 10 horas da manhã ás 2 da tarde, a sua entrada de 10 por c. ou 2\$500 rs. por acção, conforme a deliberação da assembleia geral ordinaria de 17 de julho, e extraordinaria de 26 do corrente, na qual foi igualmente resolvido, que pela ultima vez fossem prevenidos os poucos snrs. accionistas em atraso, para dentro dos mesmos dias marcados no presente annuncio satisfazerem as suas prestações em debito.

Braga e Escritorio da Companhia em 26 de outubro de 1876.

Os directores,

Francisco da Silva Araujo
José Alves de Moura
(4388) João Carlos Pereira Lobato.
(280)

MALA REAL INGLEZA

S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

Acceptando tambem passageiros de 3.^a classe para SANTOS e RIO GRANDE DO SUL com trahordo no Rio de Janeiro

Este paquete da Companhia Mala Real Ingleza sahirá de Lisboa em 29 de Novembro.

Para mais esclarecimentos dirijam-se á Agencia Central no Porto, rua dos Inglezes, 23—o agente Guilherme C. Tait, e nas provincias ás agencias e correspondencias nas principaes cidades e villas. Agente em Braga o snr. João Manoel da Silva Guimarães, Rua do Souto. (V*)

CONVITE

Os empregados da repartição d'obras publicas d'este districto, tendo resolvido mandar celebrar no dia 16 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na igreja dos Terceiros, uma missa rezada para suffragar a alma da fallecida filha do seu exm.º